

## Os *dekasseguis* retornados

Elisa Massae Sasaki\*

Na “década perdida” de 1980 o Brasil atravessou uma de suas piores crises econômica, social e política, o que contribuiu para a emigração de uma boa fatia da população brasileira. Neste processo, destaca-se a ida de brasileiros descendentes de japoneses para o Japão, em busca de dinheiro, submetendo-se, neste país, a precárias condições de trabalho – os chamados *dekasseguis*.

Se no início deste século o Japão espalhou japoneses pelo mundo afora – para os Estados Unidos, Havaí, Brasil, Argentina –, mais recentemente o país tem sido o destino de várias nacionalidades: chineses, coreanos, paquistaneses, filipinos, tailandeses, bangladeshianos, israelitas, peruanos, colombianos, e também brasileiros.

Não é à toa que os nipo-brasileiros têm o Japão como destino de sua emigração. Dentre as diversas nacionalidades imigrantes, os brasileiros, amparados pela reforma da Lei de Controle de Imigração no Japão, de junho de 1990, conquistaram uma certa legalidade como trabalhadores no Japão.

Dados de pesquisa de campo realizada entre os nipo-brasileiros que emigraram mostram que, em geral, estes: (a) possuíam uma condição de vida razoável (comparada às condições sociais do Brasil como um todo), sendo a maioria da classe média média-baixa; ou seja, não eram pobres; (b) tinham emprego antes de emigrar; (c) possuíam,

em grande parte, um alto índice de escolaridade (também comparado com o da população brasileira em geral), o que lhes possibilitava maiores chances de obter uma posição no mercado de trabalho.

Traçando um perfil geral, podemos dizer, grosso modo, que apesar desta população nipo-brasileira não se encontrar na miséria, a crise que assolou o país na década de 1980 também a atingiu, podando suas esperanças de melhorar as condições de vida, que podem ser traduzidas materialmente por comprar casa para morar ou para investimento (aluguel), carro, telefone, bens duráveis, recuperar ou abrir um negócio, enfim, bens que, para serem obtidos, demandariam muito tempo e mais dinheiro de que dispunham.

Uma das saídas para buscar este desejo é o aeroporto. Ir trabalhar no Japão significa conseguir todos aqueles bens materiais e melhorar as condições de vida em menos tempo. Em outras palavras, a emigração de nipo-brasileiros pode ser entendida muito mais como *investimento* do que como sobrevivência, no sentido de que os familiares que permanecem no Brasil não dependem da remessa do *dekassegui* para sobreviver – diferentemente de migrantes trabalhadores de outros países –, mas sim para recuperar ou melhorar o padrão de vida em menor espaço de tempo.

Embora o aspecto econômico, isto é, a *busca pelo ouro*, pareça prevalecer na decisão de emigrar, minha hipótese é que, além disso, ou mais do que isso, é a esperança de poder retornar ao Brasil que permite ao trabalhador nipo-brasileiro enfrentar no Japão a experiência migratória. Ou seja, é o caráter temporário que faz com que o *dekasse-*

\* Aluna do Programa de Mestrado em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

*gui* aguenta as duras e precárias condições de trabalho no Japão, que o faz trabalhar 12 a 14 horas por dia durante a estadia no país, em troca de uma remuneração melhor do que a que recebia no Brasil em seu emprego, a princípio de maior *status* do que de operário de baixa qualificação ou subempregado.

Posto isso, a pesquisa busca entender como se dá o retorno e a readaptação ao Brasil destes *dekasseguis*, após a experiência migratória. Mediante entrevistas qualitativas coletando experiências do cotidiano do trabalhador migrante *dekassegui*, centradas preferencialmente na figura do chefe de família (pois a população *dekassegui* é heterogênea em termos de procedência – meio rural/urbano, idade, sexo, *status* matrimonial, profissão antes de partir etc.), tento compreender por que eles vão e voltam ao Japão tantas vezes, não bastando apenas uma.

Se inicialmente eles iam ao Japão porque sabiam que iriam voltar ao Brasil (caráter temporário inicial), aos poucos essa idéia pode estar se dissolvendo e se tornando confusa, à medida que eles ficam com um pé em cada país (de origem e de destino). Por outro lado, isto pode estar sendo reforçado pela existência de uma *network* social de brasileiros no Japão, formada *pelos dekasseguis para dekasseguis*.

Em suma, a questão central que busco responder é: supondo que a emigração de nipo-brasileiros para o Japão seja um tipo de investimento, no sentido de melhorar suas condições de vida em menos tempo, muito mais do que para suprir suas necessidades básicas, para garantir sua sobrevivência, como os *dekasseguis* chefes de família estão lidando com os vários retornos ao Brasil, seu país de origem?

(Recebido para publicação em julho de 1995)